



Maria do Céu Pereira Fernandes: contribuições à imprensa norte-rio-grandense (década de 1930) ¹

Isabel Cristine Machado de CARVALHO²
Manoel Pereira da ROCHA NETO³
Francinaura Maria de ALMEIDA⁴
Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a contribuição da intelectual Maria do Céu Pereira Fernandes na sociedade norte-rio-grandense, na década de 1930. Contribuição essa identificada por meio dos seus escritos nos jornais *O Galvanópolis* e *A República*. Utilizamos como fonte os registros históricos encontrados nos livros e jornais da época, dentre os quais, destacamos a coleção completa de *O Galvanópolis*. Na condição de diretora do jornal *O Galvanópolis* e colaboradora em *A República*, percebe a movimentação na cidade, escreve sobre assuntos que estão na ordem do dia e promove a educação e a formação de opinião de seus leitores. Buscamos através de suas práticas de escrita, mostrar à contemporaneidade as marcas de uma época de significativas transformações. Diante da sua atuação, buscamos produzir a escrita desta história.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres jornalistas; gênero; práticas de escrita; educação; imprensa.

A pesquisa histórica se revela como um campo fértil na investigação do cotidiano, trazendo contribuições fundamentais para a reflexão e compreensão de questões contemporâneas. Resulta, segundo Lopes (1994), de um trabalho que exige um olho no presente e outro naquilo que o passado escolheu guardar para a realização deste trabalho. Essa relação vai se fazendo entre o historiador — que é o sujeito de seu trabalho e historicamente situado — a teoria que adota para a captação do tema e da problematização elaborada e as fontes, que fazem parte da construção, da resposta a tudo isso.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar - UnP, email: isabelcristine@unp.br.

³ Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar - UnP, email: manupereira@unp.br.

⁴ Aluna de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar – UnP, email: francinaura@unp.br.



Portanto, entendendo que a construção da história é uma atividade que envolve diversas relações, buscamos, então, olhar para o passado sem esquecer o presente, uma vez que ele disponibilizará os resultados concretos da atuação de Maria do Céu Pereira na imprensa norte-rio-grandense. Da sua escrita, nos jornais *O Galvanópolis e A República*, é permitido entender, de maneira particular, uma problemática mais ampla, que, em condições mais específicas, podem ser tão valiosas quanto às análises realizadas nos estudos das grandes abordagens (CHARTIER, 1994).

Nessa perspectiva, situamos este estudo que, diferente das análises históricas tradicionais, possibilitou compreender como objeto de pesquisa as representações e práticas de escritas de Maria do Céu Pereira Fernandes. Dessa forma, o contato com seus escritos reafirma a preocupação em desvelar e interpretar as crenças, os valores, as atitudes que expressam em representações e práticas culturais de uma determinada sociedade.

A Nova História Cultural possibilita uma nova forma da história trabalhar a cultura, de pensá-la como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. É ainda, uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Dessa forma, mudou e voltou-se o olhar da história para também outras questões e problemas, para outros campos e temas. A presença da história no campo cultural desloca, portanto, sua atenção também para a história dos homens comuns, das mulheres comuns, preocupando-se com suas práticas culturais e suas experiências com o mundo, como afirma Chartier (1994). Dentre as contribuições desse campo teórico de análise, sobressaem as primeiras pesquisas a respeito da mulher, enfatizam a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional.

Esta concepção de fazer história abriu caminho para a construção deste objeto de estudo, evidenciando o desejo de registrar as práticas de escrita de Maria do Céu Pereira Fernandes e revelar as configurações de uma sociedade, particularmente a curraisnovense, na década de 1930.

O que pretendemos analisar são práticas enquanto representações e nelas as questões de gênero, com as diferenças e semelhanças, como também a compreensão

histórica do papel da mulher na sociedade, para entender melhor a interação homem e mulher, segundo valores e interdependências historicamente constituídos. Caminhamos ao encontro das ações, práticas e maneiras de fazer de Maria de Céu. Práticas essas que buscamos, por meio de diversas fontes e em diversos lugares, desejosos em elucidar, em parte, a sociedade e o perfil de Maria do Céu e os movimentos da sociedade curraisnovense.

Nessa análise, buscamos construir uma história relacional. De acordo com Duby e Perrot (1991), as relações de gênero, como uma categoria de análise, em uso na história, não se refere a um ou a outro sexo, mas sobre as relações que são socialmente construídas entre eles e que estão imbricadas com as relações de poder que revelam tensões e as contradições que marcam a sociedade.

A partir da movimentação de Maria do Céu Pereira Fernandes no espaço social ao qual estava situada, evidenciamos as diferentes formas como se dão as relações de interdependências entre os grupos, revelando as tensões próprias da sociedade brasileira. Os seus escritos registrados no jornal *O Galvanópolis*, por exemplo, representam as maneiras de agir, pensar e sentir no interior dos conflitos e tensões da vida cotidiana do meio social de sua época. Permitem, portanto, interpretações de experiências e práticas de homens e mulheres que particularizam aquela sociedade.

Vinculamos, então, o nome de Maria do Céu à estrutura das relações que permeiam o seu contexto social, levando em consideração as mudanças pelas quais passava a sociedade seridoense naquele período histórico.

A partir deste enfoque, utilizamos como fonte de pesquisa os registros históricos encontrados nos jornais da época, livros, Leis, Decretos, depoimentos e fotografias. Destaco a coleção completa do jornal *O Galvanópolis* (1931-1932). De acordo com Capelato (1994, p.3), os jornais são fontes históricas, como também “manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através do tempo”. A pesquisadora assinala, por sua vez, que os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana, tornando-se material útil nas análises culturais, dentre eles, nos estudos sobre as condições de vida, relações e lutas sociais numa determinada sociedade.



Justificamos a escolha da década de 1930 porque é nesse período que encontramos vestígios de sua atuação. Buscamos, portanto, através de suas práticas jornalísticas, mostrar à contemporaneidade as marcas de uma época de significativas transformações.

Maria do Céu Pereira Fernandes: um pouco de sua trajetória

Maria do Céu Pereira Fernandes nasceu no dia 06 de novembro de 1910, em Currais Novos, Rio Grande do Norte. Filha de Olindina Cortez Pereira de Araújo e do comerciante Vivaldo Pereira de Araújo, fez o primário em Currais Novos, estudou com professores particulares, promotores, juízes, médicos.

Do curso primário realizado no Grupo Escolar Capitão Mor Galvão, teve aulas com o professor e juiz Gilberto Pinheiro. Na ocasião, aprendeu português, história, geografia. Sempre disposta a aprender, Maria do Céu relembra seus primeiros momentos de aprendizado e leitura: “Lá (Currais Novos) não tinha mais o que aprender, mas fiquei estudando sempre. Eu sempre gostei muito de estudar e ler com papai. Passei a ter aulas também com quem chegava em Currais Novos e que sabia mais do que o ABC” (FERNANDES, 1997).

Motivada pelo pai, um participante ativo na política local e nos movimentos religioso e literários da cidade, Maria do Céu, em 1924, aos 14 anos, vai para Natal cursar o secundário no Colégio da Imaculada Conceição. No educandário, dirigido pelas irmãs Dorotéias, aprendeu além do inglês, o italiano e o francês. Com a madre Cecília Barreto, fora dos horários da sala de aula, aprendeu italiano. Nunca estava satisfeita. Sempre buscava mais conhecimento. “Muita coisa eu aprendi muito particularmente, depois das aulas. Eu não me satisfazia só com as aulas, não! Eu gostava muito de estudar” (FERNANDES, 1997).

Após concluir, em 1928, o Curso Técnico do Comércio (diploma de Perito Contadora), — embora desejasse cursar faculdade de Medicina — Maria do Céu, agora com 18 anos, retorna a Currais Novos e vai lecionar tanto no Ginásio particular Coronel José Bezerra quanto no Grupo Escolar Capitão Mor Galvão.

Paralelamente à sua prática educacional de professora, Maria do Céu dirigia *O Galvanópolis*, periódico que circulou em Currais Novos entre 1931 e 1932. Sobre sua prática jornalística, Maria do Céu relembra:



Eu escrevia... até fundamos um jornalzinho em Currais Novos, O Galvanópolis. Fundei com papai e um outro amigo de papai. O primeiro nome era Currais Novos, mas papai tinha muita vontade de mudar o nome de Currais Novos para Galvanópolis, porque foi fundado por um Galvão, que se instalou lá, abriu e fez os currais novos (FERNANDES, 1997).

Embora fosse um órgão oficial do Currais Novos Futebol Clube (C.N.F.C.), o jornal acabou configurando-se como um dispositivo discursivo permeado de representações que adornaram o quadro cultural, político, econômico e social da cidade:

Realçando os valores da nossa terra, cultuando as suas tradições gloriosas, seremos uma sentinela vigilante a pugnar com o maior denodo e altivez pelos seus interesses vitais. É o que prometemos e esperamos realizar (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

Os escritos de Maria do Céu Pereira registrados no jornal permitem ver as marcas de um determinado tempo condicionado às transformações que a sociedade brasileira vivia naquele momento histórico. Nos seus textos, registrados quase sempre na primeira página do jornal, foi possível identificar sua preocupação em discutir categorias como: religiosidade, patriotismo, civismo, moral, condição da mulher, progresso e cultura letrada. Destacamos os artigos: *Comunismo*, publicado no dia 7 de fevereiro de 1932; *O atestado da religiosidade brasileira*, registrado na edição de 11 de outubro de 1931 e *Onde está nosso campo de atividade*, de 22 de novembro de 1931 e *Livros*, veiculado em 30 de agosto de 1931.

Nesse último artigo, Maria do Céu assume, portanto, uma postura em defesa de uma cultura letrada. Comprometida em orientar a juventude de sua cidade, mostra-se preocupada com a relação desses jovens com os livros. Busca orientar e aconselhar seus leitores sobre a importância da prática de leitura dos bons livros, indispensáveis para a formação intelectual e moral. Dessa forma, Maria do Céu deixa no jornal vestígios de como se desenrolava a educação dos jovens.

Sob a forte influência da efervescência dos jornais, *O Galvanópolis* deveria contar uma história de progresso e desenvolvimento, com a difícil missão de convencer a população da urgência na substituição dos antigos hábitos por outros, considerados mais civilizados. No primeiro número do jornal, a diretora Maria do Céu revela aos seus

conterrâneos a alegria do grandioso acontecimento representado pelas primeiras folhas desse novo periódico:

Elas vem com a singeleza e a timidez de quem ausculta ambientes desconhecidos, a reclamar guarida no seio dessa boa e generosa gente para uma estação o mais duradoura possível. Elas estão despojadas de reclamos relumbantes e de apresentações pomposas. Visam é cooperar com todo o ardor, com todo o entusiasmo pelo engrandecimento geral da nossa terra e exaltar os méritos e o valor inconfundíveis da nossa gente. O nosso povo, já por um sentimento atávico, já impulsionado pela invasão irresistível das inovações sublimes que nos apresenta esse decantado século XX, é arrebatado pelos mesmos frêmitos de amor aos nobres ideais que se concretizam em outras terras. (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

O editorial de lançamento do jornal nos revela o comprometimento do jornal: seria com as letras e o esporte. No que se refere às letras identificamos nos textos produzidos no *Galvanópolis* a prosa ou poesia. Crônicas, ensaios, notas, contos, colunas, entrevistas, editorial, ocupam mais da metade do espaço do jornal; enquanto a poesia, ficou em segundo plano. Quanto ao esporte, a temática merece lugar de destaque no periódico, sempre publicado na última página registrando os movimentos esportivos realizados na cidade de Currais Novos, a exemplo dos campeonatos de futebol que aconteciam regularmente tendo o time do município como ator principal. Os jogos entre os clubes da região dinamizavam as tardes de domingo em Currais Novos e sinalizavam o desejo de despertar nos jovens o culto ao corpo, através da prática de atividades físicas, particularmente o futebol. Na abertura do texto em que aparece a entrevista com o presidente do Currais Novos Futebol Clube, Maria do Céu transmiti aos seus leitores a importância dos exercícios físicos:

Todos os povos civilizados exigem, como uma condição precípua para evitar o depauperamento físico da raça, a prática regular dos esportes. É louvável, portanto, o arroubamento que nos anime e o entusiasmo com que cultivamos esses salutareos exercícios. (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 4).

Além da temática esporte, pauta recorrente no jornal, outro assunto disputava espaço em suas páginas: a terrível crise climática, que ora atravessava o município e suas conseqüências. Dentre os males que afligem a zona sertaneja, avultam, sem dúvida, as secas que, periodicamente infestam os estados do Nordeste. O sertanejo,

embora despreparado, mas sempre forte, suportou o embate do tempo contra todas as intempéries das estações e escassez da época.

Os esforços dispensados pela equipe do jornal em seu primeiro ano de vida, parecem ter sido satisfatórios. No entanto, para eles ainda falta muito para atingirem as metas que se propuseram chegar. No aniversário de primeiro ano do jornal, Maria do Céu Pereira, ciente de sua responsabilidade, enquanto diretora do periódico, agradece a todos que contribuíram como o sucesso de *O Galvanópolis*:

Graças à bondade de que têm dado provas inconcussas os nossos assinantes, graças a cooperação assídua de quantos conosco trabalham, graças ainda à valiosa perseverança dos nossos colaboradores que sempre nos prestigiaram com seu apoio, que se dignaram iluminar as páginas simples do nosso humilde jornalzinho com o fulgor da sua inteligência, vencemos o primeiro ano. (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 1).

Colaboradores do jornal também afirmam a vitória do empreendimento. Ewerton Cortês ressalta que o aniversário do jornal é um dia de justas satisfações, não somente para a imprensa, mas para a cidade de Currais Novos, uma vez que a imprensa vive do povo para o povo, isto é, quando ela está inteiramente na sua missão de servir a coletividade:

A nossa imprensa sempre tem sabido corresponder a sua bela finalidade. E com desenvoltura e interesse. Com estoicismo e dedicação. Para corroborar essa afirmativa estão aí as páginas de O Galvanópolis, o jornalzinho simpático e elegante onde Maria do Céu guarda com todo carinho e desvelo o melhor da sua inteligência e do seu coração de bondade. (A MINHA CONTRIBUIÇÃO, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 2).

O colaborador reconhece, ainda, que apesar de ter sido um ano de luta, de sacrifícios e de canseiras de todas as matizes, ele representa um ano de vitórias, de completo triunfos. Tais vitórias redundam em contentamentos, em plenas satisfações que apagam todas as contrariedades e animam novos combates. Deseja, por fim, a continuidade do jornal:

E O Galvanópolis, airoosamente continuará sem interrupção a ser o farol donde rebrilhará com eloquência a mentalidade sadia, forte, decisiva de nossa mocidade sempre vibrante, sempre entusiasta para os superiores empreendimentos. Que sempre vença, são os meus



prognósticos, é o meu anseio. (A MINHA CONTRIBUIÇÃO, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 2).

Inicia-se, então, novos desafios e as mudanças surgem. A partir da edição número dois, de 30 de abril de 1932, o jornal passa por algumas transformações:

Por motivos diversos a publicação de O Galvanópolis será feita doravante mensalmente, obedecendo, porém, a um programa mais variado que será distribuído em oito páginas. Outrossim: o jornalzinho terá caráter independente. Circunstâncias fortuitas determinaram a retirada do Órgão Oficial do Currais Novos Futebol Clube, entretanto jamais será retirada nossa solidariedade ao que concerne à prática dos esportes em nossa terra. O Currais Novos Futebol Clube terá sempre nosso apoio e pronta adesão. (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 5).

Nessa nova fase do jornal, aparecem os anúncios. Apesar de tímidos, os seus registros representam uma inovação no cenário da imprensa brasileira, visto que uma das bases indispensáveis à sustentação da empresa jornalística ergueu-se, sobretudo, com a adoção sistemática da propaganda e publicidade. Nesses anúncios, palavras de conforto, moderna, elegante, enfatizam e revelam aspectos de renovação proposto pela modernidade:

Executam-se com perfeição e a preços módicos sob figurinos modernos: vestidos, tailleurs, manteaux, enxovais para noivas etc. Aceitam-se encomendas pelo correio para o interior do país. Pede-se dizer as medidas do corpo e as cores preferidas. Cartas a O VESTIDO ELEGANTE, rua do Catete, 33 A. 1 andar, sala 1, telefone 5-2382, Rio de Janeiro. Responde-se imediatamente enviando-se o orçamento. (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 abr. 1932, p. 6).

No entanto, nem os anúncios e as assinaturas do jornal foram suficientes para mantê-lo circulando. Os anúncios não eram muitos e com o passar do tempo alguns assinantes deixaram de pagar pelo periódico. Nas edições publicadas nos dias 7 de setembro e 2 de outubro de 1932, são veiculadas notas oriundas da gerência do jornal que solicita encarecidamente aos assinantes em atraso, o obséquio de saldarem os seus débitos. Diante da dificuldade, *O Galvanópolis* deixa de circular no mês de dezembro daquele ano. Uma nota da redação avisa aos leitores e colaboradores sobre a interrupção:



Avisamos aos nossos prezados amigos colaboradores e assinantes que, por justos motivos, vamos suspender temporariamente a publicação de O Galvanópolis. Agradecemos a todos que nos acolheram sempre benevolentes e esperamos que a nossa volta, encontraremos os mesmos corações benignos para nos receber. (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 15 nov. 1932, p. 6).

Infelizmente, o jornal não voltou a circular. A última edição foi publicada no dia 15 de novembro de 1932. Além das dificuldades relativas aos poucos anúncios e dos atrasos no pagamento das assinaturas, identificados na leitura dos jornais, Barros e Santos (2005) afirmam que o jornal deixou de circular também porque Maria do Céu deixou a cidade de Currais Novos para residir em Natal, passando a dedicar-se à campanha política.

Tal participação na comunidade, articulada com seu espírito de liderança, parecem ter sido decisivos e relevantes para seu ingresso na vida política. O convite foi efetuado por José Augusto de Medeiros, Juvenal Lamartine e por outros políticos do Seridó, entre eles João Medeiros, de Jardim do Seridó:

Todos eles tinha a indicação do meu nome. Até Dinarte Mariz opinou. Ele era também do Partido Popular. Fui perguntar ao papai o que ele achava. Ele disse: eu acho que você deve aceitar. Aí eu aceitei. Meu namorado, na época, Aristófares Fernandes, ainda não era casado com ele, também aceitou muito bem. Ele já era político e se entusiasmou. Já morava em Natal e estava começando seu comércio. (FERNANDES, 1983).

Quando Maria do Céu casou a 22 de agosto de 1935 com Aristófares Fernandes, já era, então, deputada estadual. O casamento aconteceu em uma fazenda de Santana do Matos, município do Rio Grande do Norte.

Maria do Céu abraçou a causa defendida pelo Partido Popular, tendo que enfrentar, com isso, duras repressões que fizeram história aquela campanha eleitoral. Nesse período, Maria do Céu Pereira Fernandes, juntamente com outros nomes do Partido Popular a exemplo de Aldo Fernandes Raposo de Melo, Dioclécio Dantas Duarte, João Severiano da Câmara e José Augusto Varela, presenciou uma época de violência e assassinatos políticos, mas onde prevaleceu um forte ideal político:

Era um ideal. Um ideal. Significava a entrada do regime democrático. Na época, sucediam-se os interventores. Queríamos ter vida própria. Escolhemos nosso governo. Era a independência. Poder respirar livremente. (FERNANDES, 1983).



O resultado final das eleições no Estado é anunciado no dia 16 de outubro de 1935. O Tribunal Superior Eleitoral divulga a vitória do Partido Popular, que elege 14 deputados estaduais contra 11 da Aliança Social. Maria do Céu obteve 12.058 (doze mil e cinquenta e oito) votos. Torna-se, então, a primeira deputada estadual do Brasil, no Rio Grande do Norte. Nessa eleição, ainda, saem vitoriosos três deputados federais do Partido Popular e dois da Aliança Social. Ainda neste mesmo dia, fica decidida a convocação para a instalação da Assembléia Constituinte para o dia 19 de outubro e o pleito do primeiro governador constitucional do Estado para o dia 29 de outubro de 1935. Vence Rafael Fernandes, pelo Partido Popular.

Maria do Céu pertenceu à Primeira Assembléia Constituinte. Em 1937, foi cassada pelo Estado Novo. Embora o período de imensa sublevação tenha ocorrido, principalmente, nas campanhas eleitorais, de acordo com Barreto (2003), Maria do Céu, durante seu mandato legislativo, foi várias vezes ameaçada de sequestro e tinha soldados guardando sua casa.

Maria do Céu encerrou seu mandato, após sua cassação, em 1937, com o golpe do Estado Novo. Deixa, então, a vida pública para se dedicar à família. Em 1960, passa a residir no Rio de Janeiro, somente voltando para Natal após a morte de seu marido Aristófanés Fernandes, em 1965. Faleceu em 2001, no Rio de Janeiro, aos 90 anos. Por ocasião do seu falecimento, o então governador do Estado, Garibaldi Alves, decreta luto oficial de três dias. Segundo Azevedo (2005, p.3), “Maria do Céu Fernandes entrou para a história não só por abrir as portas do legislativo para as mulheres, mas também ter sido na visão de muitos historiadores, como a melhor oradora do seu tempo de atuação parlamentar”.

Trazer à tona as participações femininas na história da imprensa brasileira, dentre elas a de Maria do Céu Pereira é o que faz da história das mulheres algo tão necessário. Por isso é que nos propomos a desenvolver esta pesquisa, que oferece sua parcela de contribuição à História das Mulheres no Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte.



REFERÊNCIAS

- A MINHA CONTRIBUIÇÃO. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 2, 30 mar. 1932.
- AZEVEDO, Juliska. Poder Legislativo completa 170 anos. **Diário de Natal**. Natal, p. 3, 20 fev. 2005.
- BARRETO, Anna Maria Cascudo. **Mulheres especiais**. São Paulo: Global, 2003.
- BARROS, Eva Cristini Arruda Câmara; SANTOS, Iara Maria Carvalho Medeiros. Ensinando o passado e o presente no Galvanópolis (1931-1932): a pedagogia de Maria do Céu Pereira. In: **XVII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (Anais)**. Universidade Federal do Pará, 2005. Publicação em CD-rom.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1994.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente**. O século XX. Direção de Françoise Thébaud. Porto: Afrontamentos, 1991.
- FERNANDES, Maria do Céu Pereira. Entrevista concedida a Carlos Lyra, Alvamar Furtado e Ticiano Duarte. **Programa Memória Viva**. Natal: Televisão Universitária de Natal, 1983. 1 DVD (61 05”), Son., color.
- _____. Entrevista concedida à professora Marta Maria de Araújo. Natal, 01 fev 1997. (Os direitos de utilizar trechos da entrevista foram cedidos pela referida professora).
- _____. Comunismo. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 07 fev. 1932.
- _____. O atestado da religiosidade brasileira. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p.1, 11 out. 1931.
- _____. Onde está nosso campo de atividade. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 22 nov. 1931.
- _____. Livros. **O Galvanópolis**. Currais Novos, p. 1, 30 ago. 1931.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar categorias em história da educação e gênero. In: **Projeto história**. São Paulo, n. 11, nov. 1994. p. 19-29.
- O Galvanópolis**. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1931.
- _____. Currais Novos, p.4, 30 mar. 1931.
- _____. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1932.
- _____. Currais Novos, p.5, 30 mar. 1932.
- _____. Currais Novos, p.6, 30 abr. 1932.
- _____. Currais Novos, p.6, 15 nov. 1932.